

## VIDAS SECAS (continuação)

Graciliano Ramos

### Capítulo: *Cadeia*

Neste capítulo, Fabiano vai para o vilarejo fazer compras para a casa. É provocado por um policial e acaba preso e surrado. Além de apresentar com mais vagar a personagem de Fabiano, observamos, pela primeira vez, as limitações de Fabiano. Ele tem uma enorme dificuldade para conviver fora do círculo da família e da roça em que habita, a ponto de se inspirar e querer ser o “seu Tomás da bolandeira”, outro desgraçado como ele, mas que, ao menos, sabia conversar (embora tivesse tido destino tão triste).

Destacamos ainda outros dois pontos. Um deles é o fato de que, embora ‘duro’ com Fabiano, o narrador não se põe a ‘ler’ os pensamentos do policial. Essa estratégia faz parte do perfil do narrador “onisciente múltiplo” (o narrador escolhe as personagens com quem pretende “coabitar”), mas ajuda a ampliar a ideia de desarrajo do pobre sertanejo em relação à vida. Fabiano não sabe se comportar, não sabe falar e, embora tenha senso crítico, mostra-se ingênuo e expõe suas opiniões sem pensar nas consequências – pagando por isto.

O narrador salienta a arbitrariedade do poder (uma crítica social ao seu tempo, talvez) e o juízo crítico de Fabiano. Ora, ele não poderia fazer isso a partir dos pensamentos do pobre coitado (que mal sabia falar). Sua alternativa foi “falar pela personagem”. Daí frases que mesclam os registros de linguagem formal e popular, que procuram denotar algo que está no meio do caminho entre fotografar o pensamento de Fabiano e interpretar esse pensamento:

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir. (p.30)

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo. (p.38)

A este recurso na enunciação do narrador dá-se o nome de discurso indireto livre. Pela leitura, tem-se a sensação de que se pode “ouvir” os pensamentos mais profundos de Fabiano, marcados inclusive por suas frustrações. Nota-se que prevalece, então, uma estratégia do autor, em que o discurso não manifesto de Fabiano no plano dialógico,

permeia a enunciação do narrador. Há, então, um viés libertário na produção de Graciliano que ganha relevo, justamente, na estratégia discursiva. Seu leitor sente-se asfixiado como Fabiano, oprimido pela voz de um narrador judicativo. Contudo, não podemos esquecer que, se a voz de Fabiano é oprimida no espaço cênico, ela invade o discurso que comanda a narrativa e, mesmo sendo de “segunda mão”, ganha relevo para o leitor, convidando-o a refletir sobre formas de opressão. Em especial, a mais desumana que existe: a que reprime pensamentos, opiniões e sonhos, ou seja, a ideológica. A asfixia desconcertante da personagem provoca, incomoda e desacomoda o leitor, promovendo neste desejos de mudança social.